

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Alex Yoshihiro Isizaka (RA00274491)

**INTEGRAÇÃO SOCIAL E O TRANSNACIONALISMO: UM ESTUDO SOBRE OS
DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS SEGUNDAS GERAÇÕES DE IMIGRANTES**

São Paulo
JUNHO de 2024

Alex Yoshihiro Isizaka (RA00274491)

**INTEGRAÇÃO SOCIAL E O TRANSNACIONALISMO: UM ESTUDO SOBRE OS
DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS SEGUNDAS GERAÇÕES DE IMIGRANTES**

Estudo analítico apresentado como trabalho de
conclusão do curso de Relações Internacionais pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Professora orientadora: Terra Budini

São Paulo
JUNHO de 2024

Resumo

As teorias sobre transnacionalismo abordam as conexões contínuas mantidas entre imigrantes e seus países de origem. Através de sua lente, portanto, fazer uma análise sobre a vida desses indivíduos que vivem na intersecção de duas culturas distintas é a proposta deste trabalho. Através de relatos e entrevistas, busca-se observar como é viver em uma situação de desconexão com ambos os laços culturais – de origem familiar e do lugar geográfico em que o indivíduo se encontra. A pesquisa emprega uma abordagem qualitativa para analisar experiências de imigrantes em diferentes locais e contextos, e visa manter a relevância dos estudos nas Relações Internacionais atualizados para questões transnacionais; logo, compreender e aprofundar questões que estão já fundamentadas, desafiando a ideia tradicional de identidade nacional e pertencimento exclusivamente de apenas um único país, e reconhecendo a complexidade das identidades múltiplas que os imigrantes possuem, o que implica na compreensão de cidadania e até de direitos humanos em um mundo extremamente globalizado.

Palavras-chave: integração social; migração; segunda geração de imigrantes; Transnacionalismo.

Abstract

Theories on transnationalism address the ongoing connections maintained between immigrants and their countries of origin. Through this lens, therefore, this study proposes an analysis of the lives of individuals living at the intersection of two distinct cultures. Through narratives and interviews, it seeks to observe what it is like to live in a situation of disconnection from both cultural ties - those of familial origin and those of the geographic location in which the individual resides. The research employs a qualitative approach to analyze the experiences of immigrants in different locations and contexts, aiming to keep the relevance of International Relations studies updated on transnational issues; thus, understanding and deepening questions that are already established, challenging the traditional idea of national identity and belonging exclusively to a single country, and recognizing the complexity of multiple identities that immigrants possess. This implies understanding citizenship and even human rights in an extremely globalized world.

Keywords: social integration; migration; second-generation immigrants; Transnationalism.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 01 |
| 2. OBJETIVOS | 02 |
| 3. REVISÃO DA LITERATURA | 03 |
| 4. IMIGRANTES E TRANSNACIONALISMO | 07 |
| 5.1. Definição e Características | 08 |
| 5. ABORDAGEM DE PESQUISA | 11 |
| 6. CONTEXTUALIZAÇÃO | 12 |
| 7. ANÁLISE DOCUMENTAL | 13 |
| 8. TRANSNACIONALISMO NA IMIGRAÇÃO | 14 |
| 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 17 |

INTRODUÇÃO

Se observarmos bem, a história da humanidade é uma história de migrações. Desde a pré-história até a modernidade, deslocar-se de um lugar para outro por quaisquer fatores sempre fez parte e foi relevante para nossa trajetória inclusive como espécie. A criação de Estados nacionais, fronteiras e a existência de um controle administrativo disso deram uma faceta completamente diferente para esse fenômeno, e com ela trouxeram uma série de outras questões, como conceitos de cultura e identidade nacional, por exemplo.

Para além de deslocamentos por conta de guerras ou fatores climáticos, o aspecto financeiro é um dos que mais motiva esse movimento, na busca de melhores condições de vida, estudos e trabalho. Uma vez estabelecidos, os imigrantes buscam criar raízes que possam proporcionar tanto uma estabilidade onde estão, como também, muitas vezes, servir de auxílio a membros familiares em sua terra natal. No entanto, apesar das muitas questões e desafios envolvendo o processo para esse estabelecimento, o foco deste trabalho se dá na segunda geração de imigrantes – os descendentes dessa primeira.

Esse recorte específico foi escolhido levando em consideração o pouco olhar direcionado às questões desse setor social – geralmente, quando se pensa em imigrante, é considerada uma situação universal de toda pessoa que se desloca de forma mais generalizada. O que não se busca entender com detalhe é justamente a diferença na maneira como esses desafios e experiências comuns impactam de maneira distinta cada grupo incluso nesse conceito maior. No caso da segunda geração, conflitos no que se refere à identidade podem ser acentuados, uma vez que, muitas vezes, a conexão com um dos polos de deslocamento é substancialmente menor em comparação à geração anterior, e o sentimento de estar num limbo entre duas culturas que o “rejeitam” igualmente se expõe ainda mais. Por mais que tenham vantagens principalmente em termos linguísticos, por terem mais acesso à informação e viverem em um mundo profundamente globalizado, não ser parte de lugar algum, ou se inserir de forma superficial – muitas vezes através do consumo – impacta muito nas vivências e realidade dessas pessoas.

É aí que o conceito de transnacionalismo entra. Se debruçar sobre ele para observar de forma mais eficiente a realidade da segunda geração e seus problemas de integração social no país de destino, os desafios de aceitação enfrentados, as novas perspectivas, e a forma como

esses indivíduos influenciam nas dinâmicas globais pode ser muito esclarecedor para evidenciar ainda mais as interconexões entre migração e transnacionalismo, bem como a complexidade das relações entre diferentes comunidades em um contexto internacional. Sob a ótica da literatura sobre o tema, a ideia é refletir sobre o que abrange essa intersecção da sociedade migrante, que frequentemente é considerada um problema justamente por se encontrar em um “não lugar”, isto é, não se encaixar ou simplesmente não se sentir pertencente nem no lugar de origem, nem no destino.

Logo, ter a perspectiva empírica de alguns desses indivíduos, associadas à parte teórica, e usar uma visão inversa – do migrante em relação à sociedade – também pode contribuir na construção de uma teoria de transnacionalismo mais reflexiva e abrangente.

OBJETIVOS

O objetivo desse estudo é, primordialmente, a partir da caracterização de o que seria o transnacionalismo, evidenciar como esse conceito está diretamente ligado aos problemas comuns de caracterização de nacionalidade, identidade de imigrantes, laços sociais, culturais e questões básicas do que se entende por cidadania e interseccionalidade, além de problematizar questões fenóticas exacerbadas para imigrantes – seja para lados negativos ou positivos –, em que a necessidade de se “auto explicar” é inerente à sua existência, sobretudo na segunda geração.

Dessa forma, a meta é justamente entender não apenas essa necessidade de se explicar como um meio de justificar a existência de pessoas que permeiam em uma ou mais culturas, mas também mostrar como as Relações Internacionais não se baseiam apenas no campo teórico de tratativas de Estados. As relações podem ser afetadas por uma cadeia logística internacional que nos permite locomover para qualquer parte do mundo, influenciando na vida social em escalas maiores (Estado para Estado) ou menores (empregos, escolas e vida em sociedade), conforme mostram os estudos de transnacionalismo.

REVISÃO DA LITERATURA

A introdução indicada para entender e aprofundar nessa questão é “Legacies: The Story of the Immigrant Second Generation”, de Alejandro Portes e Rubén G. Rumbaut, e “Children of Immigrants in a Globalized World: A Generational Experience”, de Enzo Colombo e Paola Rebughini.

Portes e Rumbaut relatam casos interessantes sobre a interação entre a primeira e segunda geração de imigrantes da mesma família, e problemas que, por consequência, passaram de geração para geração de imigrantes. Já as ideias de Colombo e Rebughini giram em torno de teorias de assimilação, hibridismo e etnicidade. Segundo eles, apresentar ideias de assimilação do modelo fordista, em outras palavras, refere-se ao processo pelo qual os trabalhadores e as práticas de trabalho incorporam os princípios e métodos associados ao sistema de produção de Henry Ford, nesse caso, assimilação de cultura e costumes. Através de construções empíricas e teóricas principalmente qualitativas, o estudo explica a assimilação de imigrantes através do modo de produção, onde os imigrantes são inseridos na cadeia e acabam se integrando, ajudando entender o fluxo migratório internacional, e para identificar a importância e assimilação de duas culturas e como elas ocorrem.

A respeito, eles citam:

“Através da inclusão e exclusão, em nível local e nacional, foram selecionados vários adolescentes de várias nacionalidades que se situam na Itália, para comentar suas experiências e entender conexões e perspectivas de pertencimento e respeito, em que “a experiência de diáspora familiar ou, simplesmente, da migração dos pais, significa que é natural planejar suas vidas globalmente, sem restringir seus projetos ao contexto local.”

(COLOMBO; REBUGHINI. 2012, p. 68).

Assimilação, hibridismo e etnicidade entram em consonância com as ideias de Vertovec. Entender o transnacionalismo será essencial para entender a nacionalidade e autodeterminação de muitas pessoas da segunda geração de imigrantes. Como o próprio texto coloca:

"O transnacionalismo descreve uma condição na qual, apesar das grandes distâncias e apesar da presença de fronteiras internacionais (e todas as leis, regulamentações e narrativas nacionais que elas representam), certos tipos de relacionamentos foram intensificados globalmente e agora ocorrem paradoxalmente em

uma arena de atividade que se estende por todo o planeta, mas que é comum - ainda que virtual."
(VERTOVEC, 2009, p. 3).

Usando vários exemplos, o autor explica como a teoria do transnacionalismo é capaz de ajudar a entender o funcionamento do mundo através da globalização. A partir das ideias de Robert Keohane e Joseph Nye acerca do transnacionalismo em “Transnational Relations and World Politics”, Vertovec levantou as primeiras questões importantes sobre uma visão predominantemente do Estado, levantando questões monetárias, de objetos e pessoas através de fronteiras.

Na época, o assunto acabou não ganhando muito terreno, contudo, uma década depois, foi revivido e trouxe um novo destaque para o termo “transnacionalização”. Conexões transnacionais não estatais ganharam destaque por terem um potencial gigantesco de ligar ações coletivas e alterar a interdependência política global, dando destaque para o que o Vertovec chama de “cidadania em uma era de lealdades fragmentadas”, o que será interessante para entender as entrevistas.

Eva Hoffman, em “Lost in Translation: A life in a new language”, comenta:

“Ser americano significa sentir que você é a norma,” me diz um dos meus amigos... [Mas] em uma sociedade fragmentada, a que se assimila? ... Quero descobrir, com mais urgência do que antes, onde pertença nesta América composta por tantas sub-Américas. Quero, de alguma forma, abrir mão da condição de ser estrangeiro... Preciso fazer uma mudança nas minhas maneiras mais íntimas. Preciso me traduzir.”

(HOFFMAN, 1989. p. 202, 210-11)

Vertovec faz uma conexão com Alejandro Portes, distinguindo estruturas organizacionais e atividades transfronteiriças que podem acabar se confundindo ao longo da literatura, que serão de extrema importância para não confundirmos termos, principalmente o “transnacional”:

“Portes abre caminho através da selva terminológica delimitando cada conceito com referência a fontes diferenciadas e escalas de atividade. Em seu entendimento, “internacional” diz respeito a atividades e programas de estados-nação, “multinacional” a instituições de grande escala como corporações ou religiões cujas atividades ocorrem em vários países, e “transnacional” a atividades “iniciadas e mantidas por atores não institucionais, sejam eles grupos organizados ou redes de indivíduos através de fronteiras”. Tal tipologia é útil para evitar incertezas terminológicas e facilitar uma análise mais rigorosa em cada esfera.”

(VERTOVEC, 2009, p. 28).

A distinção de terminologia é extremamente importante para ingressar no que de fato é transnacionalismo, uma vez que todas as atividades estatais ou de organizações internacionais poderiam estar relacionadas às atividades transfronteiriças, pois a motivação dos estudos sobre imigrantes está totalmente ligada à teoria do transnacionalismo, visto que os estudos estão ligados à atores não institucionais.

A mistura cultural é o primeiro passo para compreender esse conceito. O capítulo 6 de “Legacies: The Story of the Immigrant Second Generation” explora primeiramente a parte bilíngue, que constroi grande parte do dia a dia dos imigrantes, e nos ajuda a entender as dificuldades de tradução, além de contemplar a circulação de ideias e culturas. Logo, a assimilação da língua é essencial.

Portes e Rumbaut abordam a questão da linguagem:

“O inglês e o conhecimento de uma língua estrangeira são negativos devido à tendência de perder um deles com a aquisição do outro. O bilinguismo exige superar essa tendência, mantendo o domínio de ambos.”

(PORTES; RUMBAUT, 2001, p. 122).

Eles continuam:

“[...] não surpreendentemente, a nacionalidade é uma das dimensões-chave ao longo das quais a lembrança e o esquecimento variam. Dificilmente poderia ser diferente, dadas as origens e diferentes modos de incorporação experimentados pelos grupos de imigrantes na América.”

(p.122)

Além disso, a teoria sobre transnacionalismo se refere à experiência social e cultural que vai além das fronteiras nacionais tradicionais. Em vez de conceber a migração como um movimento linear – que basicamente é o processo pelo qual os indivíduos são incentivados a assimilar e integrar a cultura dominante de um país de origem para um país de destino –, o transnacionalismo destaca a interconexão contínua entre o local de origem e o local de destino. Isso envolve a manutenção de vínculos sociais, econômicos, políticos e culturais que transcendem fronteiras nacionais

O transnacionalismo cria e apresenta características interessantes. Redes sociais transnacionais são construídas e mantidas para além das fronteiras geográficas, conectando familiares, amigos e comunidades em seus países de origem e de destino das pessoas; em vez de uma identidade única ligada exclusivamente ao país de residência, as pessoas podem

desenvolver identidades transnacionais que abrangem diferentes contextos culturais; atividades econômicas também são impactadas – isso inclui práticas econômicas que ocorrem em diferentes países, como remessas, investimentos e empreendedorismo que atravessam fronteiras; além de que o transnacionalismo envolve a circulação de ideias, valores e práticas culturais entre diferentes lugares, contribuindo para uma diversidade cultural mais ampla e dinâmica.

Vertovec argumenta que o transnacionalismo oferece uma abordagem mais completa para entender a complexidade das experiências migratórias, destacando as interconexões entre as comunidades de origem e destino. Essa perspectiva desafia a ideia tradicional de assimilação linear e destaca a natureza fluida e interconectada das vidas transnacionais.

Além do questionamento sobre transnacionalidade e aprofundamento da teoria de assimilação, o questionamento sobre a relevância do assunto discutido no livro “The Second Generation in Europe: Migration and Integration Policies”, de Maurice Crul e Jens Schneider, coloca em pauta questões importantes:

“As vozes da mídia estão corretas ao afirmar que grandes setores das comunidades imigrantes estão falhando na integração e, portanto, ameaçando a coesão social? A teoria clássica de assimilação está equivocada quanto às distinções étnicas, culturais e sociais se tornarem menos relevantes à medida que os grupos étnicos imigrantes se tornam mais semelhantes à maioria - e, por sua vez, à medida que a maioria evolui ao absorver novos grupos? O fato de nem todos os imigrantes e seus filhos "assimilarem", ou mesmo de alguns ressentirem a sociedade anfitriã, é um sinal de que o multiculturalismo falhou?”

(CRUL; SCHNEIDER, 2012, p. 13).

A concepção de que as pessoas se assimilam em segmentos mais marginalizados da sociedade é útil para entender que a integração da segunda geração pode assumir diversas formas. Enquanto a educação e, em menor medida, o ambiente de trabalho oferecem potencial para uma formalização de culturas e experiências mais formais da segunda geração, fora do contexto escolar ou profissional, podem ser ainda mais significativas, especialmente quando essas pessoas se sentem desencantadas devido à falta de qualidade na educação ou a empregos mal remunerados e de baixo *status*. Isso é particularmente evidente quando os pais imigrantes, devido a habilidades linguísticas limitadas e conhecimento restrito da sociedade hospedeira, não conseguem guiar e auxiliar na integração de seus filhos – um processo descrito pelos autores como uma aculturação.

Portes e Rumbaut trazem uma nova perspectiva teórica sobre a assimilação. Em suma, a assimilação segmentada traz uma nova caracterização sobre etnicidade, não sendo ligada a algo homogêneo, mas que os filhos de imigrantes têm suas ações refletidas pelo suas heranças étnicas. Além disso, é interessante notar a caracterização da segunda geração de imigrantes, uma vez que esses indivíduos já não são vistos como habitantes diferentes, muito menos necessitariam uma assimilação. Enquanto isso, a primeira geração é identificada de forma mais abrangente.

Portes, Rumbaut e Vertovec, além ajudar a entender a interação de um indivíduo com uma nova língua e explicar as dificuldades "bilíngues", também ajudam a perceber o apelo da segunda geração em entender a língua local até para a criação de uma identidade.

Os dois primeiros explicam a criação de uma nova identidade transnacional, as identidades étnicas dos filhos de imigrantes. Muitas vezes, filhos de imigrantes são questionados sobre sua própria identidade, e são obrigados a se "auto traduzir". Principalmente quando tratamos de culturas orientais para as ocidentais, essa necessidade de auto explicação é muito maior da visão de um ocidental, pois a partir dela, as culturas asiáticas são muito parecidas, (inclusive nas características físicas).

A junção de culturas e explicações são sempre uma característica inerente às pessoas que transitam em duas comunidades diferentes. A dicotomia entre não ser estrangeiro, mas também ser visto sempre como alguém diferente, é o principal ponto abordado no capítulo em questão.

Portes e Rumbaut ajudam a entender principalmente as entrevistas realizadas neste estudo, abordando questões como escola, conquistas e falhas. Grande parte da introdução da segunda geração de imigrantes com as novas culturas começa na educação nos anos iniciais. Logo, existem diversas barreiras linguísticas e culturais que tornam a inserção do indivíduo ainda mais problemática. Isso será uma questão abordada para entender a falta de políticas que ajudem na inserção de crianças de imigrantes em escolas.

IMIGRANTES E TRANSNACIONALISMO

A imigração é inerente à vida. Parando para analisar de maneira objetiva, do ponto biológico, é basicamente a busca por um ambiente melhor para se alimentar, reproduzir e viver. Os seres humanos, para além da imigração por fatores naturais, se mudam também à procura de novas oportunidades de vida, melhores empregos, ou por conta de conflitos e desastres naturais. Logo, toda a dinâmica mundial pode significar uma possível imigração, seja por necessidade ou fatores superficiais.

Através de redes de apoio, muitos imigrantes circulam pelo mundo de forma fluida, levando à criação de redes sociais – *networks* decorrentes do transnacionalismo. Porém, é necessário compreender que a terminologia “rede social” não está ligada à ideia rasa de interação social; o grau de relevância dessa rede de contato importa nos estudos por revelar uma multiplicidade de esferas institucionais, como por exemplo, indivíduos que se conhecem no trabalho, porém, podem estar ligados por graus de parentescos, filiação política, membros de clubes. Vertovec comenta:

“[...] é frequentemente apontado que, para os migrantes, as redes sociais são cruciais para encontrar empregos e acomodações, circular bens e serviços, além de fornecer apoio psicológico e informações sociais e econômicas contínuas. As redes sociais frequentemente direcionam os migrantes para lugares e ocupações específicas, ou os conduzem através deles.”

(VERTOVEC, 2009, p. 39).

O conceito de rede como uma forma de organização econômica não está errado, mas não está ligado apenas à economia internacional, como também aos relacionamentos interpessoais. O desempenho de uma rede depende da conectividade, em outras palavras, se existem interesses comuns, sua extensão não se limita apenas a como as pessoas estão conectadas, podendo ser através da circulação de recursos e viabilizando a locomoção, criando laços através de obrigações por parentesco, cooperação religiosa, amizade etc.

Por consequência, imigração gera uma interação entre culturas diferentes, afetando a sociedade local e os imigrantes. Especialmente para a segunda geração de imigrantes, fica evidente esse evento, tanto para os que nasceram no país como para os que chegaram quando crianças. A introdução à nova realidade e o trânsito diário entre duas culturas acaba sendo um desafio.

Essa geração possui um papel fundamental, não apenas por suas perspectivas mais amplas, mas também pela pressão de se habituar ao novo ambiente logo cedo. Essa pressão se dá não apenas por estarem começando, mas também para serem aceitos, uma vez que a aceitação em um grupo diferente é fundamental para que o indivíduo possa crescer em todos os aspectos de sua vida.

O fato de serem diferentes causa estranhamento, e isso será evidenciado posteriormente ao analisar algumas entrevistas feitas. A introdução a um novo ambiente, principalmente para crianças, é algo totalmente diferente dos adultos. A curiosidade à diferença (tanto cultura quanto física) gera estranhamento, e muitas vezes a falta de maturidade em consonância com a falta de fiscalização de adultos pode gerar problemas como bullying. Portanto, a segunda geração tem a necessidade de criar raízes no local, de legitimar sua existência, manter o passado ao mesmo tempo em que cria uma percepção singular do futuro, através da assimilação de uma nova cultura. Portes e Rumbaut citam:

“Isso é uma história complexa que depende de vários fatores, entre os quais quatro podem ser considerados decisivos: 1) a história da primeira geração de imigrantes; 2) o ritmo de aculturação entre pais e filhos e seu impacto na integração normativa; 3) as barreiras, culturais e econômicas, enfrentadas pelos jovens da segunda geração em sua busca por adaptação bem-sucedida; e 4) os recursos familiares e comunitários para enfrentar essas barreiras”
(PORTES; RUMBAUT, 2001, p. 46).

Definição e Características

O transnacionalismo se refere a uma série de fenômenos ligados especificamente a atores não institucionais, ou seja, não cabe na discussão estudar Estados ou ONGs, uma vez que essas participam de atividades multinacionais ou internacionais. Envolve, portanto, a interconexão de pessoas através de fronteiras geográficas, tanto físicas quanto simbólicas, podendo se manifestar de diversas formas, incluindo a imigração internacional, redes sociais e culturais.

Vertovec comenta:

“Embora o termo "transnacionalismo" seja bastante novo e atualmente esteja na moda, os sociólogos da migração há muito reconhecem que os migrantes mantêm algum tipo de contato com a família e outras pessoas em suas terras natais, especialmente através da correspondência e do envio de remessas. Desde a década de 1920 até os tempos recentes, no entanto, a maioria das pesquisas sobre migração se concentrou nas maneiras pelas quais os migrantes se adaptavam ao seu local de imigração, em vez de como continuavam a olhar para o seu local de origem. Desde o início dos anos 1990, "a virada transnacional" tem fornecido "uma nova ótica analítica que torna visível a intensidade e o alcance crescentes de fluxos circulares de pessoas, bens, informações e símbolos desencadeados”.

(VERTOVEC, 2009, p. 13).

Na migração, o transnacionalismo ocorre quando os migrantes mantêm seus vínculos com o país de origem enquanto vivem em outro país, podendo ocorrer através de envio de dinheiro, manutenção de laços culturais e familiares e assim por diante.

O transnacionalismo não é uma dicotomia entre passado e presente, e os aspectos novos e antigos referentes à migração que podem ser identificados por Vertovec: (i) divisão de famílias entre os países de origem e destino; (ii) redes de longa distância, facilitando a migração; (iii) comunicação contínua entre migrantes e família na origem (anteriormente por carta, e atualmente de forma dinâmica); (iv) envio de dinheiro para familiares, como forma de ajuda tanto para investimento ou consumo; (v) estabelecimento de negócio relacionados, por meio de importação ou exportação.

Atualmente, ainda segundo Vertovec temos: (i) dinamismo na comunicação e sua extensão, através da velocidade das interações transnacionais; (ii) intensificação da comunicação gerando um transnacionalismo “normativo”; (iii) crescimento de associações de imigrantes; (iv) maior aceitação pública do transnacionalismo, através de políticas de identidade.

Para além do entendimento do que é “novo” e do que é “antigo”, é interessante entender que não existem diferenças entre multilateralismo e assimilação (multiculturalismo), pois as críticas geradas em torno dessa dicotomia não necessariamente são o cerne do problema, pois são inter relacionados. Ademais, é importante lembrar que muitas das teorias transnacionais priorizam o nacional ao invés de irem além do modelo usual de Estado, conhecimento de cidadania ou nacionalidade.

Por fim, em relação aos imigrantes, quando analisamos toda a bibliografia referente à definição do que são, chegamos ao mesmo denominador comum. Há três características

principais que estão ligadas à dupla identidade cultural. Primeiro, por serem indivíduos que cresceram em um ambiente que mescla a cultura de seus países de origem com a do de destino, acabam resultando em uma nova identidade, que se conecta e identifica com dois mundos. A respeito dessa identidade, Portes e Rumbaut dizem:

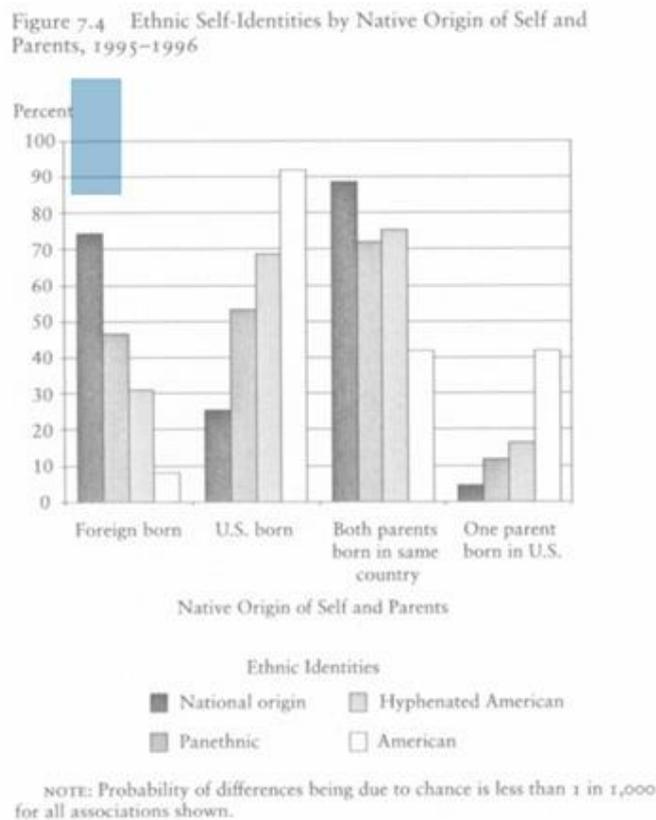
“A identidade étnica é, em parte, uma forma de responder à pergunta 'De onde venho?' As respostas dadas são frequentemente expressas em uma linguagem metafórica de parentesco (por exemplo, pátria, terra natal, língua materna, laços de sangue) com referência a uma 'conexão de nascimento' à nação e à família - a uma origem ou ancestralidade comum imaginada. Mesmo as etnias mais tênues tendem a estar enraizadas em tais metáforas de parentesco. Assim, embora as identidades étnicas possam ser social e politicamente construídas, comumente são experienciadas e expressas como naturais. Nesse sentido, as variáveis de natividade (onde alguém nasceu, onde os pais nasceram) são claramente importantes para as autodefinições étnicas e nacionais. Para filhos de imigrantes, também são variáveis que podem complicar significativamente uma resposta clara às questões básicas de autodefinição étnica, especialmente quando o país de nascimento dos pais difere do da criança e (em casos de casamento interétnico) um do outro.”

(PORTES; RUMBAUT, 2001. p. 161)

Em segundo, o bilinguismo ou multilinguismo. Não só a cultura é exposta de forma abrangente, mas também a língua nativa de seus pais quanto a língua, sendo comum que sejam fluentes em mais de uma língua.

Em terceiro, a adaptação cultural. É comum ver na segunda geração a influência dos valores e tradições somados e influenciados por padrões novos vistos “fora de casa”, adaptando-se a novos estilos. Para entender melhor essa questão, o gráfico mostrado no livro “Legacies” ajuda a entender a dinâmica estabelecida entre as influências citadas anteriormente em relação à cultura dos pais.

Gráfico 1: Identidades Étnicas por Origem Nativa do Eu e dos Pais, 1995-1996



Fonte: (PORTES; RUMBAUT. 2001. p. 165)

A respeito do gráfico, os autores explicam:

“Como esses padrões de natividade afetam a auto-identificação étnica? A questão é respondida na Figura 7.4, que grafica cada um dos principais tipos de auto-identidade étnica pelo local de nascimento da criança e o dos pais. Entre aqueles que relataram uma identidade estrangeira, 75 por cento nasceram no exterior, em comparação com 31 por cento daqueles que relataram uma identidade americana hifenizada e um minúsculo 8 por cento daqueles que se identificaram como apenas americanos. Menos da metade (47 por cento) daqueles que se identificam por categorias panétnicas nasceram no exterior. Em famílias onde ambos os pais vieram do mesmo país de nascimento, seus descendentes tinham muito mais probabilidade de incorporar essa origem nacional como parte de sua própria identidade (totalmente ou como uma identidade americana hifenizada). Em famílias onde ambos os pais nasceram no exterior, mas vieram de países diferentes de nascimento, seus descendentes eram mais propensos a simplificar a complexidade de origens mistas adotando uma identidade autoétnica (minoridade) ou americana simples (maioria), assim resolvendo o conflito de se identificar com um dos pais em vez do outro. Perguntada como se identificava, Rosa, a filha bilíngue nascida nos EUA de um pai nascido em Cuba e uma mãe nascida em El Salvador, parou e explicou: “Se eu dissesse que sou cubana, minha mãe ficaria brava; e se eu dissesse que sou salvadorenha, meu pai ficaria chateado, então acho que sou hispânica!” A etiqueta de identidade panétnica fazia sentido para ela como uma categoria simplificada que se concentrava em traços compartilhados (e era

popular entre seus amigos da escola de língua espanhola também) enquanto evitava o dilema de privilegiar uma ou outra conexão de nascimento dos pais - fazer isso teria sido equivalente, para esta descendente de um casamento híbrido, a um ato de deslealdade étnica a um dos pais.”

((PORTES; RUMBAUT. 2001. p. 165-167)

Por fim, pressões e desafios únicos devido à posição de transição entre culturas são comumente expostos a problemas inéditos que em geral estão ligados a cultura do seus pais e da sociedade no geral, além das questões de identidade e pertencimento.

ABORDAGEM DE PESQUISA

A pesquisa tem uma abordagem concentrada no método descritivo interpretativo, qualitativo e contextualização, e é baseada principalmente em relatos, entrevistas e estudos de caso, que são lidos através das ideias de transnacionalismo das Relações Internacionais, e vão afunilando para as relações interpessoais.

Descrever os fenômenos característicos de regiões distintas que, em maior ou menor grau, podem acabar se interligando de alguma forma, pode trazer uma perspectiva de como a teoria de transnacionalismo proposta por Vertovec se mostra efetiva em explicar a realidade.

Usar a descrição interpretativa é relevante, de acordo com Thorne,

“[...] para a geração de conhecimento que atravessa o abismo entre a neutralidade objetiva e a teorização abjeta, estendendo uma forma de compreensão que é de importância prática para as disciplinas aplicadas dentro do contexto de seus distintos mandatos sociais. Ela responde ao imperativo da ação informada dentro da base científica admitidamente imperfeita que é a realidade das ciências humanas”

(THORNE, 2008. p. 34)

Somada a isso, a abordagem qualitativa, que é amplamente usada nas ciências sociais, será interessante para aproximar casos atuais dessas interações com os textos vistos em “Legacies”, uma vez que o estudo busca justamente procurar convergências e divergências entre as visões atuais e relatos usados pelos autores em sua obra. Irving Seidman diz:

“Cada palavra que as pessoas usam ao contar suas histórias é um microcosmo de sua consciência” (Vygotsky, 1987, pp. 236–237). A consciência dos indivíduos dá acesso às questões sociais e educacionais mais complicadas, porque essas questões são abstrações baseadas na experiência concreta das pessoas. W. E. B. Du Bois sabia disso quando escreveu: “Pareço ver uma maneira de elucidar o significado interno da vida e a importância desse problema racial explicando-o em termos da única vida humana que conheço melhor”

(Wideman, 1990, p. xiv).”

(SEIDMAN, 2013. pp. 22)

Por fim, contextualizar e condensar todas as informações, a abordagem simples será usada para reunir informações qualitativas, descritivas, contextualizando da forma mais clara possível para conciliar a realidade e teoria de transnacionalismo mencionada anteriormente.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A integração de um indivíduo em uma nova comunidade é muito complexa e muitas vezes difícil para as duas partes: para quem se muda e para os que já habitam o local. Além disso, por mais que existam problemas na inserção do que seria a primeira geração de uma família em um novo local, a geração posterior também enfrenta questões como identidade, aceitação e aprendizado. Muitos dos imigrantes que chegam em um novo país não falam a língua local com proficiência, logo, os filhos desses imigrantes se encontram em uma situação difícil, pois se deparam com um problema logo no início de suas vidas, o que afeta diretamente em como esse indivíduo da segunda geração começa a lidar com a nova comunidade.

Entender esses problemas significa articular o entendimento do transnacionalismo e atualizar o entendimento do que existe sobre nacionalidade e Estado, para além da padronização e em direção à intersecção onde ficam os imigrantes, que parecem existir em dois países diferentes, porém, sem criar qualquer raiz com ambos.

ANÁLISE DOCUMENTAL

Não é difícil notar que a maioria dos imigrantes da segunda geração, nascidos no país ou se locomovendo ainda muito jovens, têm barreiras logo no início, principalmente quando se trata de costume de aprendizado e inserção social.

Multiculturalismo é a primeira experiência dentro do transnacionalismo, área amplamente estudada em ciências sociais, principalmente em Relações Internacionais, busca entender as interações que transcendem fronteiras nacionais.

Observar identidades que se estendem para além de um único país é importante para entender a ideia de transnacionalismo. Tal fenômeno pode envolver atividades econômicas, culturais, políticas em contexto globalizado, ainda mais em um momento em que fronteiras nacionais são cada vez mais permeáveis. O transnacionalismo reconhece a interconexão e interdependência entre diferentes partes do mundo, destacando a mobilidade de pessoas e ideias, e tal complexidade é moldada a partir da sociedade global.

Vertovec comenta:

O transnacionalismo refere-se a fenômenos que transcendem as fronteiras nacionais, envolvendo interações, conexões e identidades que se estendem para além de um único país ou estado-nação. Isso pode incluir atividades econômicas, culturais, políticas e sociais que ocorrem em um contexto globalizado, onde as fronteiras nacionais são cada vez mais permeáveis. O transnacionalismo reconhece a interconexão e interdependência entre diferentes partes do mundo e destaca a mobilidade de pessoas, capitais, ideias e culturas através das fronteiras. Essa perspectiva reconhece a complexidade das relações contemporâneas e busca entender como as dinâmicas transnacionais moldam e são moldadas pela sociedade global.

(VERTOVEC, p. 2)

Conforme mencionado, o transnacionalismo se refere justamente aos fenômenos que transcendem fronteiras nacionais. Os problemas apresentados anteriormente ultrapassam a barreira linguística, abrangendo questões como o que é se considerar um cidadão, considerando acesso ao serviço público, barreiras na comunicação e oportunidades.

A maioria dos imigrantes são vistos como transgressores da coesão social. Seja por terem características diferentes ou por falarem outro idioma, não é fácil estar na intersecção, pois existe a possibilidade de não serem aceitos em nenhuma das duas sociedades, o que dificulta muito em criar raízes no país que estão.

Sheila Croucher comenta em “Globalization and Belonging: The Politics of Identity in a Changing World”:

“Assim como foi o caso com a globalização, diversos debates caracterizam esta literatura - o mais proeminente dos quais gira em torno de se a identidade é melhor conceituada como estática, essencial e unidimensional, ou fluida, construída e multidimensional. A visão anterior, conhecida como primordialismo ou essencialismo, trata a identidade como algo fixo e orgânico - algo pré-existente, predefinido ou "natural". Nessa perspectiva, a identidade é conceituada como uma variável independente. É usada para explicar outros fenômenos - conflito, guerra, agressão, cooperação, coalizão e passividade. De uma perspectiva primordialista, por exemplo, é natural para um cidadão americano sentir mais compaixão por um colega americano que morreu nos ataques ao World Trade Center do que por um cidadão afegão inocente que morreu nos ataques dos EUA em Kandahar. Isso ocorre porque a lealdade e o apego à própria nação são presumidos como um vínculo natural, profundamente sentido, até espiritual. Relacionadamente, se regiões ou locais culturalmente diversos são propensos a conflitos, muitos assumem que isso ocorre porque quando diferentes culturas entram em contato próximo, elas naturalmente tendem a entrar em conflito. Além disso, a explicação para o conflito também pode ser assumida como inerente à própria natureza do grupo étnico: "Latinos são temperamentais", ou "os irlandeses são de pavio curto". Finalmente, quando os homens se envolvem em violência com mais frequência do que as mulheres, os primordialistas ou essencialistas localizam a explicação em diferenças naturais ou biológicas entre os sexos. Em cada um desses casos, a identidade é invocada como uma explicação, mas pouco esforço é feito para explicar ou entender a própria identidade - seja nacionalidade, etnia ou gênero. As origens ou essência da identidade são consideradas como certas ou irrelevantes.”

(CROUCHER, 2004. p. 37)

A identidade dessas pessoas também acaba sendo uma pauta interessante, pois muitos deles passaram mais tempo no país atual do que no de origem, exacerbando ainda mais o problema de identidade, pois como seria possível dizer que fazem parte da sociedade do país de origem, sendo que seus costumes já estão enraizados no país que estão?

Com esse questionamento, acabamos voltando ao problema da coesão social, entrando em questões como identidade nacional e cidadania que, em resumo, é uma construção social e cultural que se baseia em uma série de elementos compartilhados por uma população dentro de uma nação. Estes elementos podem incluir a língua, história, cultura, símbolos, valores, tradições e instituições que definem a identidade coletiva de um povo dentro de um território geográfico específico.

Para além da explicação vista, Croucher explica com primordialismo ou essencialismo como a identidade pode ser moldada. Ao colocar a identidade como algo pré-existente, significa que muitos filhos de imigrantes não pertencem ao local onde estão, pois se a

identidade é algo pré-existente, logo, seria a mesma dos pais, gerando um problema de identificação proveniente do transnacionalismo.

A relação entre cidadania e Estado sempre foi um problema, principalmente quando tratamos de cidadãos com dupla nacionalidade e imigrantes, pois estão diretamente ligados a identidade do indivíduo. Croucher continua:

“Na Europa, Yasemin Soysal (1994, 2000) enfatiza a diminuição da centralidade do Estado-nação como modelo de comunidade e atribui seu declínio à crescente intensificação do discurso transnacional e dos instrumentos legais, à difusão da soberania e ao surgimento de entidades políticas multiníveis, como a UE (2000). Enquanto isso, Homi Bhabha (1990) caracteriza o período contemporâneo como um de fragmentação e hibridismo cultural, no meio do qual as noções de homogeneidade cultural sobre as quais ou por meio das quais as nações foram formadas foram completamente deslegitimadas”

(CROUCHER, 2004. p. 37)

Como visto acima, os conceitos de Estado e cidadania não são abrangentes o suficiente para incluir imigrantes. O transnacionalismo é fruto da globalização, portanto, é impossível pensar atualmente em uma nação etnicamente homogênea, uma vez que a mistura de culturas e pessoas é algo que acontece em todo o mundo.

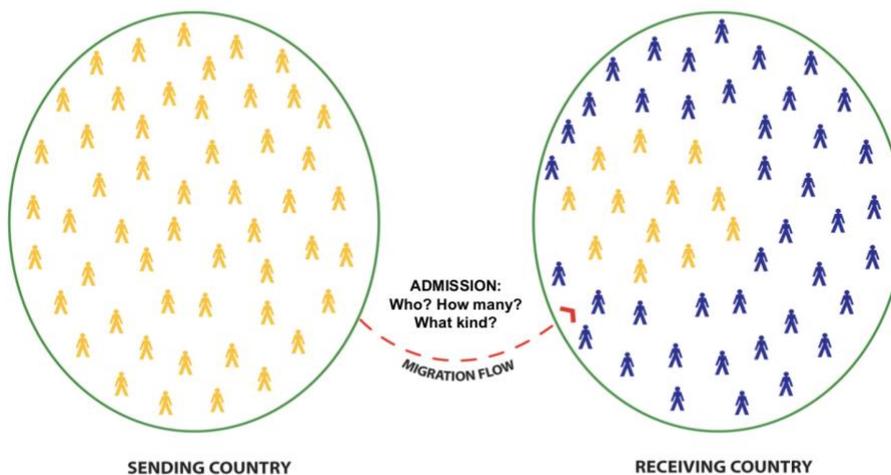
TRANSNACIONALISMO NA IMIGRAÇÃO

Para os migração, os conceitos de transnacionalismo se afunilam ainda mais, ao desenvolver o entendimento do que significa esse fenômeno para os imigrantes, significa entender a dinâmica de deslocamento, fluxo econômico e motivações para esses eventos.

Entender a história e motivos do deslocamento dessas pessoas passa primeiramente por concepções antigas conforme imagens abaixo:

Imagem 1 – Fluxo de Migração: Admissão

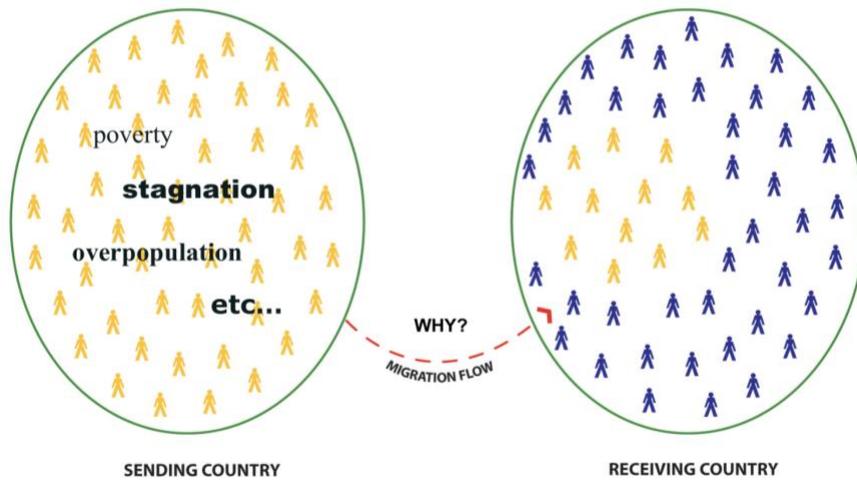
Traditional Understanding – The Migration Flow



Fonte: LIMA, A. 2013

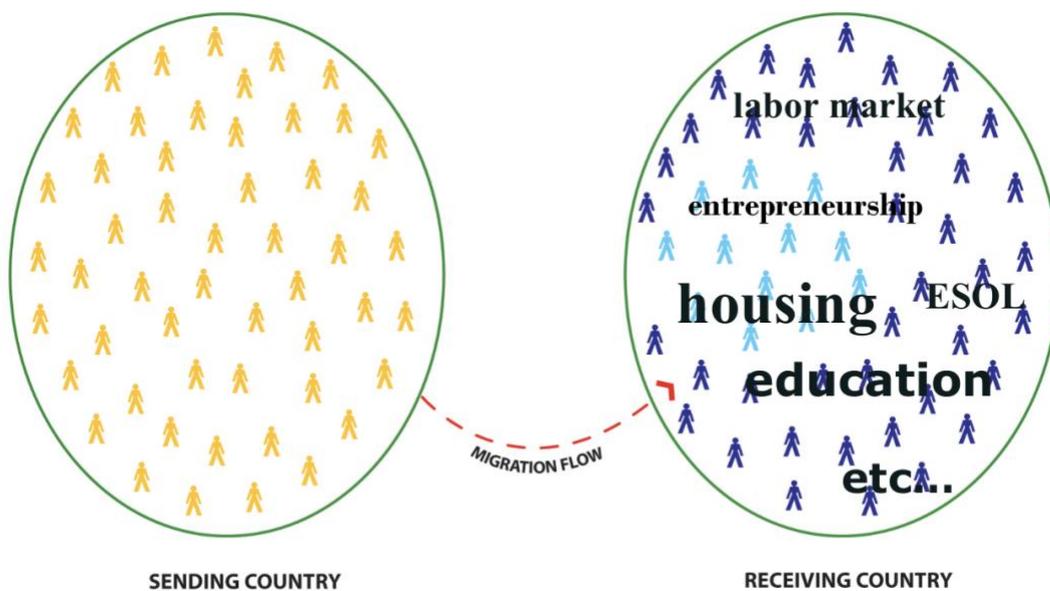
Imagem 2 – Fluxo de Migração: Porquês

Traditional Understanding – The Migration Flow



Fonte: LIMA, A. 2013

Imagem 3 – Fluxo de Migração: Estabilização/Integração

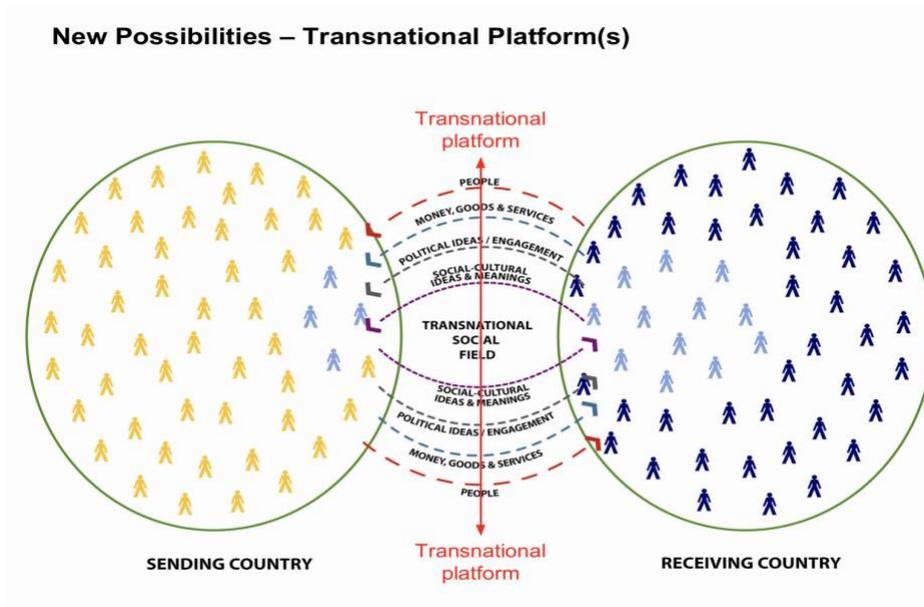


Fonte: LIMA, A. 2013

No modelo atual, temos um olhar diferente para entender como o transnacionalismo funciona de fato, tendo uma troca de informações muito maior do que como é visto no modelo anterior, onde apenas olhamos de uma ótica colonialista, em que um país geralmente mais desenvolvido absorve o imigrante, que em teoria está à procura de melhores condições, e que tal afirmação acaba sendo errada, conforme mostra o modelo atual.

Alvaro Lima diz que, “fomentada pelo consumo global, produção global e imigração, a hibridização cultural está substituindo o folclore romântico e o nacionalismo político consagrados como essências das culturas nacionais.” (LIMA, 2013). Assim, quando pensamos em um modelo dinâmico que explica uma realidade de imigrante, estamos pensando justamente em uma troca de muitos fatores, sendo políticos, ideológicos, de pessoas, dinheiro e serviços.

Imagem 4 – Plataformas Transnacionais



Fonte: LIMA, A. 2013

Conforme visto na imagem acima, o transnacionalismo resulta em troca. Basicamente, esse é o modelo de transnacionalismo quando pensamos em imigração atualmente. Deixando de lado os preconceitos pensados, vistos nos modelos anteriores, nota-se que o campo transnacional é o meio entre duas sociedades, levando então a algumas implicações do transnacionalismo.

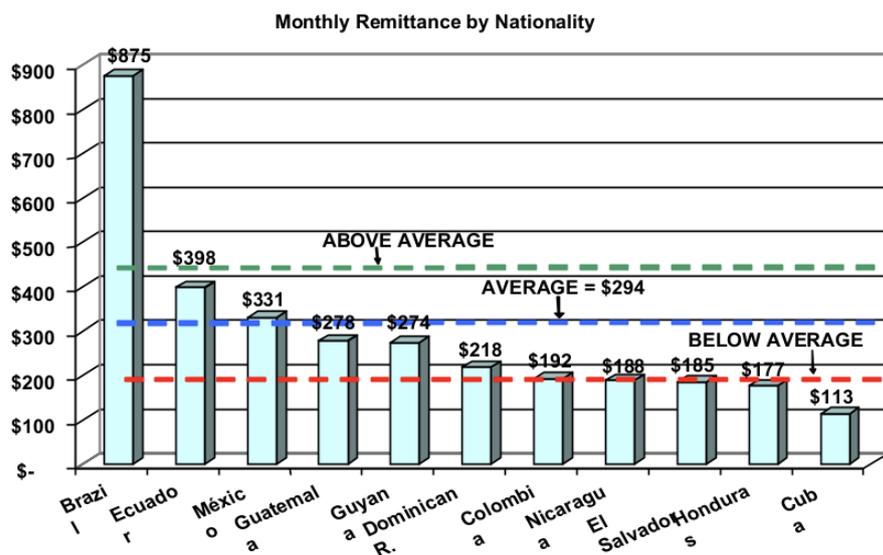
Alvaro Lima cita a portabilidade, que é crucial para a migração transnacional através de processos de educação com certificado, esquemas de investimento e aposentadoria. Isso

exalta um ponto importante quando pensamos em migrantes, pois a princípio, o que temos é uma migração justamente em busca de um ensino melhor. Em muitos casos, inclusive, o migrante já possui alguma instrução técnica.

Outra questão é o conceito de comunidade e de sociedade. O transnacionalismo para migrantes quebra com o conceito geográfico engessado, redefinindo espaço e fluxo de relacionamentos, em outras palavras, quebrando com o conceito clássico de estado-nação, fazendo com que a delimitação geográfica seja questionada. O questionamento sobre os problemas de estado-nação vai além da esfera geográfica, adentrando questões como dupla nacionalidade, direitos transnacionais, regimes e até questões econômicas, a contribuição de empresários transnacionais deve ser reconhecida.

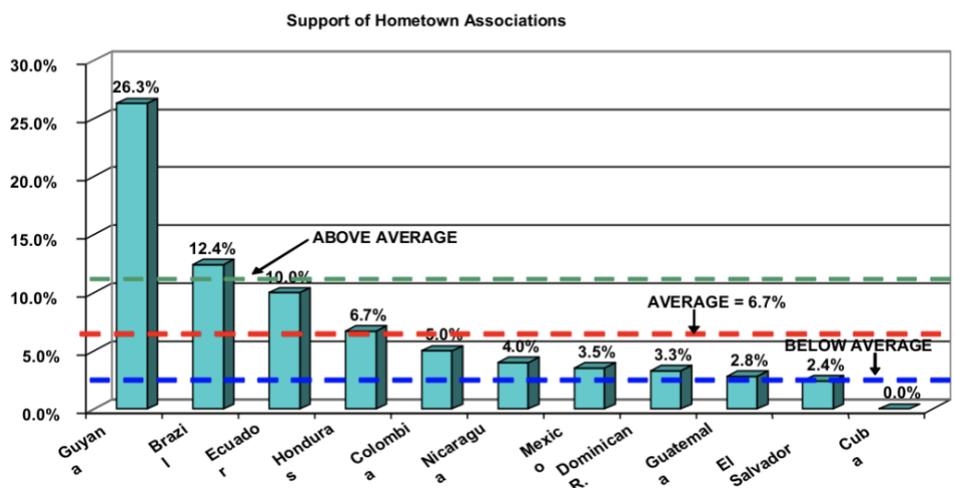
Outro ponto interessante é que é possível “medir” o transnacionalismo em certo grau, principalmente quando pensamos no fator econômico. Os gráficos abaixo levantam essa questão:

Gráfico 1 - Remessa mensal por nacionalidade em 2013



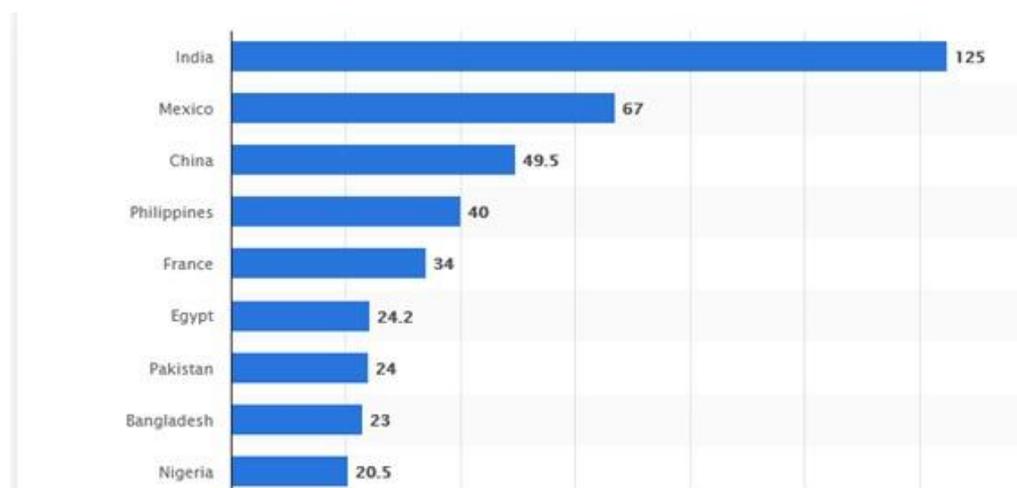
Fonte: LIMA, A. 2013

Gráfico 2 - Suporte ao país de origem em 2013



Fonte: LIMA, A. 2013

Gráfico 3 - Principais países receptores de remessas em todo o mundo em 2023, pelo valor estimado de entrada de remessas para o país mencionado.



Fonte: LIMA, A. 2010.

Os principais receptores de remessas no mundo em 2023 incluíram a Índia, o México e a China, cada país recebendo vários bilhões de dólares. Remessas geralmente se referem ao dinheiro enviado por trabalhadores migrantes de volta para casa para família e amigos, embora existam outras formas disso. As remessas podem, por exemplo, incluir aposentados que têm

uma segunda residência em um país estrangeiro. Tendo a China como maior recebedor dessas remessas.

Por fim, é interessante ressaltar um caso real sobre políticas de engajamento em favor do transnacionalismo, visto pela autora Yolanda Gonzalez Rabago, em que ela explora problemas com a migração na Colômbia.

A autora comenta a respeito de países que estão aumentando o engajamento por políticas transnacionais, especificamente para garantir a dupla cidadania da população que deixou seu país, e para garantir que essas pessoas mantenham um laço com suas raízes. Ela coloca:

“Os países de origem estão tentando conceder às comunidades emigrantes direitos políticos em troca de recursos econômicos e sociais. As políticas voltadas para fortalecer os laços dos emigrantes com seu país de origem seguem uma série de estágios diferentes, com o que parece ser uma transição tranquila de um para o próximo.”

(GONZALEZ-RABAGO, 2014)

No caso da Colômbia, o país notou que pelo menos 8% da população estava morando fora do país e que esse movimento de mudança não era apenas estrutural, ou seja, foi revelado que o maior motivo dessa fuga estava relacionado a questões de violência durante 1990. Diante desse fato, o país resolveu abrir a política transnacional, para que esses os residentes de outros países pudessem ter dupla nacionalidade, possibilitando votar mesmo que estivessem no país de destino.

Garantir a extensão de direitos para não residentes é importante não apenas para os países de origem, mas também para os países que recebem esses migrantes, pois através desses políticos que é um jeito para que o país de destino consiga manter o controle de migrantes e garante uma vida transnacional.

Além disso, a Colômbia criou o programa CNU (Colômbia Nos Une), o programa incentivava um relacionamento maior com as comunidades colombianas fora do país, reconhecendo-os como parte importante da sociedade, garantindo que toda a população que morasse fora tivesse uma conexão construtiva com o país de origem, principalmente para setores científicos, acadêmicos, investimentos e cultura.

A ideia justamente foi pensar como uma forma de investimento em profissionais que estavam fora e que poderiam ajudar internamente. A possibilidade de manter dupla cidadania por parte do país de origem, no caso da Colômbia, se mostra eficiente, pois permite que através de laços e de programas de incentivo, não haja uma grande fuga de cérebros.

Por fim, o exemplo mostra que muitos países podem ganhar muito através das comunidades transnacionais, uma vez que “a análise das principais estratégias e ações realizadas pelo Estado colombiano demonstra seu compromisso em aproveitar os emigrantes como recursos valiosos.” (GONZALEZ-RABAGO, 2015)

CONCLUSÃO

O transnacionalismo é uma faceta da globalização, logo, imigrantes têm a possibilidade de viver na intersecção de duas culturas diferentes. Com o avanço da tecnologia, as distâncias geográficas não são o maior problema para que haja interação entre culturas diferentes. Entretanto, os Estados ainda possuem muitos problemas com o transnacionalismo, a caracterização de um cidadão, os problemas com imigrantes e como ajudá-los. Para além de questões econômicas, a inserção desses indivíduos é de pouca importância para o Estado. Manter uma coesão cultural dentro de um Estado é praticamente impossível nos dias de hoje e iria requerer um ostracismo de um país inteiro, o que iria contra os princípios de globalização.

O fenômeno do transnacionalismo, alimentado pela intensificação das interações culturais e econômicas para além das fronteiras nacionais, apresenta desafios significativos para os Estados modernos. As noções convencionais de cidadania e identidade nacional são cada vez mais questionadas à medida que os indivíduos se envolvem em múltiplas esferas de pertencimento e participação social. Essa complexidade crescente é evidenciada pelo surgimento de comunidades transnacionais que mantêm laços sólidos com seus países de origem enquanto contribuem ativamente para as sociedades receptoras.

Apesar dos benefícios potenciais do transnacionalismo, como a diversidade cultural enriquecedora e o intercâmbio de ideias, muitos Estados ainda lutam para lidar com os desafios associados à migração. Questões relacionadas à integração socioeconômica, acesso a serviços básicos e reconhecimento legal continuam a ser pontos de conflito e controvérsia em muitas sociedades.

Além disso, o transnacionalismo pode gerar tensões políticas e sociais, especialmente em contextos em que a percepção de ameaça à identidade nacional ou à coesão social é prevalente. O aumento da mobilidade humana e das conexões globais também levanta questões sobre a soberania nacional e o papel dos Estados na governança global, desafiando as estruturas tradicionais de poder e autoridade.

O equilíbrio entre a preservação da identidade nacional e a promoção da diversidade cultural continua a ser um dilema complexo que exige uma abordagem cuidadosa e sensível por parte dos formuladores de políticas.

BIBLIOGRAFIA

COLOMBO, E., REBUGHINI P. **Children of Immigrants in a Globalized World: A Generational Experience.** University of Milan, Italy, 2012.

CROUCHER, S. **Globalization and Belonging: The Politics of Identity in a Changing World.** Nova York: Rowman & Littlefield Publishers, 2004.

CRUL, M.; SCHNEIDER, J. (Eds.). **The Second Generation in Europe: Migration and Integration Policies.** Amsterdam University Press, 2012.

GONZALEZ-RABAGO, Y. **Engagement Policies in Favour of Transnationalism: The Expansion of Transnational Citizenship Within Colombian Emigrants.** REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXIII, n. 45, p. 291-310, 2015.

HOFFMAN, E. **Lost in translation: A life in a new language.** New York: Penguin Books, 1989.

LIMA, A. **Transnational Immigration: Visualizing Diasporas.** 2010. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B5dHeVu99FTIRzNVWEZGV3RUdVk/view?resourcekey=0-0Bms8rIIshO5RH-TzU2zgg>. Acesso em: 07 jun. 2024.

PORTES, A., RUMBAUT, R. G. **Legacies: The Story of the Immigrant Second Generation.** University of California Press, 2001.

SEIDMAN, I. **Interviewing as Qualitative Research: A Guide for Researchers in Education and the Social Sciences.** Teachers College Press, 2013.

THORNE, S. **Interpretive Description: Qualitative Research for Applied Practice.** Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

VERTOVEC, S. **Transnationalism.** Routledge, 2009.